

VALORES E CONTRAVALORES DO MUNDO ACTUAL RELATIVAMENTE À FÉ E AO CASAMENTO

Quando Gaspar Mora me propôs esta intervenção, aceitei por amizade e graças à estima que tenho por ele, não por crer que se trate de um assunto no qual seja especialista. Não sou socióloga nem perita na matéria.

O meu contributo será pois baseado na minha experiência, tanto pastoral como docente. Acompanho jovens universitários há bastantes anos. Questões tais como o casamento e a sexualidade fazem parte do programa que ensino na Faculdade de Teologia da Catalunha bem como na Universidade da América Central "José Simeón Cañas" (UCA) no Salvador.

Quero começar por agradecer aos jovens pelas suas vidas e as suas preocupações. Através do serviço pastoral e educativo, tenho o privilégio, pelo menos assim o penso, de ser depositária de muitas das suas confidências. Creio que o mais belo presente que podemos mutuamente propor-nos é a amizade e a partilha duma certa intimidade.

Custa-me quando ouço falar da decadência generalizada dos jovens porque todos os dias sou testemunha dos seus ideais, da sua generosidade, procura, solidariedade e de tantos outros valores.

Fico impressionada pelo mundo que deixamos aos mais jovens e, ao mesmo tempo, estou convencida de que esta é a humanidade que Deus ama, este é o mundo que o Senhor salva.

« Os valores e os contravalores do mundo actual » é o título que vos proponho para esta exposição. Vou restringir-me aos contextos que conheço melhor: o dos jovens de Espanha e da América central.

É certo que vivemos num mundo globalizado, mas não é menos certo que cada cultura acrescenta os seus matizes que incidem profundamente na maneira como se concebem e se vivem tanto a Fé como o Matrimónio.

Há contextos mais secularizados que outros e locais onde as pressões sociais e económicas se repercutem com mais força no posicionamento das pessoas relativamente a estes temas.

Por outro lado, esta conferência basear-se-á igualmente nas respostas que me enviaram alguns jovens a quem pedi a opinião e a do seu círculo de amigos e colegas da Universidade.

O Concílio Vaticano II na Constituição *Gaudium et Spes* evocava as mudanças psicológicas, sociais, morais e religiosas verificadas no nosso mundo.

Articularei pois o meu contributo em redor de algumas das suas afirmações que creio plenamente vigentes quase cinquenta anos depois, e que tratarei de contextualizar. Falo-ei a partir de três textos da *Gaudium et Spes* que marcam as três partes da minha reflexão.

I- As relações humanas.

- *“Multiplicam-se assim sem cessar as relações do homem com os seus semelhantes, ao mesmo tempo que a própria socialização introduz novas ligações, sem no entanto favorecer em todos os casos uma conveniente maturação das pessoas e relações verdadeiramente pessoais («personalização»)”* (GS 6).

Trata-se, no meu entender, de um dos pontos essenciais que configura a mudança profunda relativamente ao matrimónio de numerosos jovens.

Quando o Concílio Vaticano II teve lugar, ainda não estávamos na era da Internet. As redes sociais eram inexistentes. O telefone móvel não tinha entrado no nosso mundo, e contudo *Gaudium et Spes* já faz esta afirmação, a qual creio que se vê muito amplificada por estas novas tecnologias. Isto seria objecto de um estudo aprofundado, mas ninguém pode ignorar as alterações que estão produzindo nas relações pessoais as redes sociais, a comunicação móvel, a Internet, etc...

Os jovens já não conseguem imaginar um mundo sem WhatsApp, tablets, clouds, Facebook, Twitter, chats. Estes meios transformaram as relações humanas e ousou dizer que também modificaram o processo de maturação das pessoas.

A vida humana comporta etapas progressivas e isso implica tempo. A tecnologia tornou-nos impacientes e ávidos de imediatismo. O conceito de espaço e de tempo mudou profundamente. O que significa hoje « perto », « longe », « rápido » ou « lento »?

Se um computador leva alguns segundos para responder, dizemos que é muito lento e que deveríamos trocá-lo. Podemos percorrer milhares de quilómetros num tempo semelhante ao que os nossos antepassados gastavam para percorrer uma centena.

Se quiser contactar alguém, não espero um momento que me permita uma reflexão sobre o conteúdo da comunicação, envio-lhe imediatamente um WhatsApp ou ligo-lhe, muitas vezes sem ter reflectido interiormente.

Alguns dizem que nunca estivemos tão conectados, mas contudo nunca nos sentimos tão sós.

Muitas vezes substituímos a conversação pela conexão e o resultado é a solidão.

Somos seres sociais, certamente, mas há atenções que só um ser humano pode dar a outro ser humano. As vantagens dum abraço, duma carícia, não são equiparáveis às duma conexão em rede ou duma relação virtual. Podemos comunicar com centenas, ou mesmo milhares de pessoas, mas perdemos relações profundas e autenticamente pessoais.

Não confundamos o virtual com o real.

O primado do virtual sobre o real pode conduzir também a uma diminuição da chamada inteligência emocional, com um imediatismo que dificulta os processos de maturação.

Penso que merece a pena, nos meios educacionais, fomentar a interioridade, a reflexão, a paciência (palavra completamente proscrita nos nossos dias).

A fé exige entrar na nossa realidade mais profunda, deixá-la transformar pela Palavra, pela Luz que nos dá a vida.

Há quem diga que cada vez esperamos mais da tecnologia e menos de nós próprios. As relações interpessoais ressentem-se.

Por um lado, os jovens cada vez mais têm de assumir conflitos familiares desproporcionados às suas possibilidades, o que os faz amadurecer. Por outro lado, a cultura do bem-estar, aliada à utilização intensiva das novas tecnologias, atrasou a maturação pessoal em muitos casos. Tende-se a criar « perfis » ideais, e editá-los ou apagá-los segundo a nossa conveniência, mas é claro que a pessoa necessita processar o que vive, fazer experiência.

Li, há alguns anos, que a experiência não é o que nos acontece, mas o que fazemos com o que nos acontece. Necessitamos de tempo e de reflexão.

Jovens superprotegidos, que possuem tudo, vivendo muitas vezes sem espaços de silêncio e de interioridade, nalguns casos com uma educação da vontade muito precária, costumam ser jovens mais imaturos e, curiosamente, mais insatisfeitos.

Nestas condições, é muito difícil colocar as questões da fé e do matrimónio. Não são questões que os preocupem de imediato. Buscam gratificações imediatas.

Muitas vezes, chega-se a questionar as coisas depois da dor que a imaturidade produziu nas relações. Os jovens, como qualquer pessoa, buscam relações profundas, relações que encham o coração humano.

É vital, no meu entender, acompanhar os processos de crescimento. Sem este acompanhamento torna-se muito difícil a maturação na fé.

O Papa Francisco diz na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: « Numa civilização paradoxalmente ferida pelo anonimato e, simultaneamente, obcecada com os detalhes da vida alheia, descaradamente doente de mórbida curiosidade, a Igreja tem necessidade de um olhar solidário para contemplar, comover-se e parar diante do outro, tantas vezes quantas forem necessárias. (...) A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta « arte do acompanhamento », para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. *Ex* 3, 5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã. (...) Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. (...) Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida. (...) Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa. » (*Evangelii Gaudium* 169, 171).

Todos agradecemos encontrar-nos com pessoas pacientes com o nosso ritmo de crescimento, pessoas que confiam em nós mais do que confiamos em nós mesmos.

É vital, no meu entender, acompanhar os processos de crescimento. Sem este acompanhamento torna-se muito difícil a maturação na fé.

Destaquemos, no início de *Gaudium et Spes*, a importância de fomentar relações autenticamente pessoais.

Um valor no nosso mundo é a comunicação. O acompanhamento suscita também relações profundas, personalizadas. Aproveitemos este anseio de comunicação profunda e pessoal para ajudar ao crescimento e maturação da nossa fé.

II - Nova mentalidade e instituições.

- « *A transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. Tornam-se frequentemente impacientes e mesmo, com a inquietação, rebeldes; (...). Por sua vez, as instituições, as leis e a maneira de pensar e de sentir herdadas do passado nem sempre parecem adaptadas à situação actual; (...). Por fim, as novas circunstâncias afectam a própria vida religiosa. Por um lado, um sentido crítico mais apurado purifica-a duma concepção mágica do mundo e de certas sobrevivências supersticiosas, e exige cada dia mais a adesão a uma fé pessoal e operante; desta maneira, muitos chegam a um mais vivo sentido de Deus. Mas, por outro lado, grandes massas afastam-se praticamente da religião. » (GS 7).*

Os jovens de hoje rebelam-se talvez menos que há cinquenta anos. Isto pode ser fruto do individualismo que impera nas nossas sociedades e que não favorece as reacções colectivas. Mas é evidente que as instituições herdadas do passado nem sempre se adaptam bem ao estado actual das coisas.

Um dos jovens consultados escreve: « O sistema económico vigente (através da publicidade) fez com que as coisas tomassem um valor desmesurado: o que conta é o automóvel que tens, onde tens a tua segunda residência, a tua aparência física, a roupa que vestes, as viagens que fazes, as pessoas com quem te relacionas...

Podemos acrescentar a isto a idolatria que dedicamos à ciência: « só existe aquilo que podemos demonstrar »; isto cria uma dupla interface relativamente a « o que está para além de ». Por um lado custa-nos muito relacionarmo-nos com Quem não vemos, porque estamos acostumados a uma maneira científica de lidar com a realidade e perdemos a capacidade para o fazer com quem está numa dimensão « abstracta » e por outro lado acreditamos que estas coisas não são importantes, que o que nos dá a felicidade são só as coisas materiais...

Mas se escutarmos a sabedoria de todas as épocas, os testemunhos públicos dos que realmente vemos realizados e felizes e das pessoas do nosso círculo que emitem

verdadeira luz, damo-nos conta de que aquilo que têm em comum não são bens nem situações nem privilégios; mas antes um conhecimento e uma aproximação ao seu íntimo, um dar-se a si mesmos, um agradecimento pelo que possuem, mas sobretudo um agradecimento por aqueles que os rodeiam, uma valorização das pessoas.

O matrimónio, hoje em dia, está muito posto em causa; acontece-lhe o mesmo que entre a religião e a ciência, que está medido com o critério actual, que é « o que me pode trazer de útil » quando o matrimónio sempre foi « que posso fazer pelo outro, para o fazer mais feliz ». Desta maneira, tudo o que são « limitações da liberdade » ou « preguiças » converte-se em momentos de agradecimento e de alegria. »

Este jovem resume bem, no meu entender, o que o materialismo, com as suas consequências de individualismo e egoísmo, provoca no ser humano.

Quero sublinhar a mentalidade empírica e tecnológica que dificulta, se não se souber integrar o desenvolvimento da interioridade, o acolhimento do Mistério, a relação de Fé. Por causa disto, hoje em dia, muitos jovens permanecem afastados ou indiferentes à questão da fé. Como dizem alguns, « não preciso da fé para nada ». O materialismo afoga a espiritualidade.

Contudo, alguns destes jovens confessam : « A mim não me interessa a questão da fé e ainda menos da Igreja, mas os meus avós são muito crentes e isso ajuda-os. Por vezes vou à igreja para os acompanhar mas a mim não me diz nada ».

Em muitos casos, não vêm por parte da Igreja proximidade nem compreensão com as suas vivências e problemas. A *Gaudium et Spes* mostra bem como multidões cada vez mais numerosas se afastam praticamente da religião.

Contudo é certo, como diz o Concílio, que esta mentalidade provoca em alguns jovens uma adesão verdadeiramente pessoal e operante à fé, um sentido mais vivo do divino.

Os jovens são críticos e isto ajuda-nos a passar as nossas convicções pelo crivo da coerência.

Muitas vezes não se coloca aos jovens a questão do matrimónio por duas questões fundamentais: têm uma fé pouco desenvolvida e não associam o matrimónio a essa comunidade de vida e amor que dá a plenitude ao coração humano, mas associam-no mais com uma instituição rígida e um convencionalismo nada atractivo. Falha a pedagogia eclesial em muitos casos.

Um valor emergente entre os jovens é a autenticidade. Detestam a hipocrisia, e deixam-se questionar e influenciar por aqueles que vivem na verdade e na coerência.

Na medida em que formos acolhendo uma Igreja casa de todos, afastada do poder, alternativa à nossa sociedade materialista, coerente com a mensagem evangélica, alegre e generosa, amante da humanidade, iremos propiciando que muitas pessoas retomem a tarefa de acolher o dom de Deus, aumentar a fé, a esperança e a caridade.

Se o matrimónio cristão for visto como uma autêntica comunidade de amor e de vida, se se vislumbrar que este amor foge dos interesses e busca sempre o bem do outro sem depender da sua saúde ou da sua riqueza, que é um amor expansivo que provoca nova vida, que dá plenitude ao coração humano, que é expressão plena do amor de Deus que conta conosco, então creio que os jovens poderão voltar a encarar esta forma de vida.

Uma jovem crente consultada dizia-me : « parte do meu círculo actual não entende o matrimónio como um acto de fé, mas simplesmente como uma formalidade que decidem levar a cabo porque o casamento civil é muito frio e nem sequer são crentes. Sendo certo que a Igreja está aberta a todos, considero que o valor fundamental é seguir o caminho de Jesus e o que move uns e outros é diferente.

Neste sentido, e considerando o matrimónio como um acto de fé, de confiança e de convicção, julgo que o matrimónio se tornou num sacramento pelo qual um casal se compromete voluntariamente e não por necessidade. O matrimónio é mais uma pérola no caminho para conseguir o projecto comum do casal e para formar uma família com amor e fé. »

Os jovens crentes que partilham a sua fé em comunidades e grupos eclesiais mostram uma adesão à fé cada vez mais pessoal e operante.

Outra jovem desta minoria crente comentava : « A fé tem um papel muito importante em qualquer opção que se eleja. Em concreto a fé, este crer em Deus e sentir-se amado por Ele, em qualquer opção que se faça, dá uma força capaz de tudo. Sabemos que somos capazes de enfrentar tudo o que possa surgir porque, ainda que as coisas não corram bem, Deus não falha. Creio que um matrimónio baseado neste exemplo de amor sem limites deveria em princípio ser mais forte.

Da mesma forma que a relação com Deus, um matrimónio também deve ser cuidado. O amor em si é como uma semente que, se não for regada, se não se traduzir em actos e se não se for cuidando no dia a dia, seca. Para fazer crescer um carvalho forte são necessárias raízes fortes. E estas raízes precisam de terra boa e adubada capaz de suportar todo o seu peso.

Tudo isto é muito ideal e talvez tenha esquecido nesta explicação que somos humanos e temos fragilidades, baixamos os braços e desistimos demasiado cedo.

É por isso que acho que os cristãos que escolhem o matrimónio como opção devem cuidar individualmente da sua relação com Deus, já que nestes momentos de fraqueza só Deus pode dar a força para não desfalecer.

Num matrimónio deve ser claro que se trata de um desafio até ao fim. Está-se a decidir que aquela será A PESSOA e, através deste sacramento, está-se a dizer que não se deixará de tentar que resulte, que se estabeleceu um compromisso com ela de velar por ela, de cuidar dela, de se enriquecer mutuamente... É uma opção escolhida com a cabeça e com o coração. Não acredito que desde o princípio se considere a opção de que, se não funcionar, separamo-nos; pelo menos como cristãos não deveríamos encará-la. Nem tão pouco tolerar esta subestimação do pecado, na qual parece que tudo é permitido e não há consequências.

Deveríamos sempre tomar como referência o exemplo que Jesus nos dá com a sua pessoa e com o seu amor. Creio que quanto mais nos parecermos com Ele tudo será mais simples e mais cheio de sentido. É a máxima expressão do amor e no fim de contas o matrimónio tem a sua base no amor. Quanto mais puro for este amor mais difícil será poder manipulá-lo ou enfraquecê-lo. »

Contudo, muitos jovens crentes vêem o matrimónio como algo longínquo. A mentalidade consumista e imediatista leva muitos jovens a exprimir que « antes de se casar há que “provar o produto”, não vá acontecer que fiques com alguma coisa que não funciona. E há que provar uns tantos para poder comparar ».

Mas a minha experiência é que hoje em dia, entre muitos jovens, já não falamos de relações pré-matrimoniais, já que não são relações sexuais plenas durante o noivado, antes do matrimónio, mas sim relações que se dão cada vez em idades mais precoces e desvinculadas de qualquer associação com o matrimónio.

Não é que tenham relações para “provar o produto” mas porque foi penetrando nas nossas sociedades a “normalidade” de responder aos afectos e instintos sem limites. Isto introduziu-se em toda a juventude, tanto crente como não crente.

Banaliza-se a sexualidade e, em muitos casos, não há uma aproximação prévia mas unicamente o que me atreveria a chamar “reações hormonais mais ou menos romanceadas”.

É certo que um valor importante é a liberdade, mas não é menos certo que a liberdade nos é dada, enquanto que a felicidade temos de a conquistar. Muitas relações são expressão desta busca, embora não do resultado esperado.

III – O amor conjugal.

Diz o Concílio falando do amor conjugal : « *Unindo o humano e o divino, esse amor leva os esposos ao livre e recíproco dom de si mesmos, que se manifesta com a ternura do afecto e com as obras, e penetra toda a sua vida; e aperfeiçoa-se e aumenta pela sua própria generosa actuação. Ele transcende, por isso, de longe a mera inclinação erótica, a qual, fomentada egoisticamente, rápida e miseravelmente se desvanece* » (GS 49).

Que o amor conjugal supera em muito a inclinação puramente erótica é uma evidência. Não creio que seja necessário explicar porque é evidente que a inclinação puramente erótica nunca preencherá o coração humano. Pode proporcionar prazer, certamente efémero, mas não uma plenitude pessoal que só se consegue quando o amor está presente na relação.

O amor é valorizado no nosso mundo e os jovens desejam ser amados também por eles mesmos, pelo seu ser, e não pelo seu ter nem pela sua aparência.

As relações consumistas que consistem em “usar e descartar” cansam, decepcionam e geram um vazio.

Uma jovem crente dizia-me : « Como sociedade estamos habituados à satisfação imediata, a um ciclo de usar e descartar e voltar a comprar. Vivemos num mundo carente de muitos valores, mas um deles é a perseverança, que consiste em ser constante e coerente com cada decisão que tomamos e com cada gesto que fazemos. Ora, o matrimónio necessita de muitas coisas mas uma delas é sem dúvida a perseverança. Não desistir nesta viagem que empreendemos juntos. Virão tempos bons e tempos menos bons mas deve-se perseverar e ter fé para acreditar e reafirmar em cada dia esta opção que nos dá sentido.

Para mim, o amor dum casal para ser “perfeito” deveria ser como o amor de Deus para conosco. Não consigo encontrar melhor comparação. O amor de Deus baseia-se numa confiança absoluta. Uma confiança que nos dá a certeza de que, aconteça o que acontecer, Ele estará lá, perdoar-nos-á, escutar-nos-á e amar-nos-á com tudo o que somos, com as nossas fraquezas e limites.

É acreditar que Ele pode fazer tudo e que por vezes devemos deixar-nos conduzir por Ele, que não podemos controlar tudo. Creio que o amor do casal deveria ser assim. Deveria tornar-nos livres, ser um amor baseado nesta confiança que faz com que não haja receios nem medos nem invejas nem posses. Um amor capaz de vencer tudo o que

possa acontecer. Que estar juntos seja para fazer um caminho juntos com todas as dificuldades bem como com os seus momentos mais esplendorosos. »

Vemos que continua a ser um valor e um ideal o viver com um amor gratuito, não condicionado à saúde ou à riqueza. A fé é uma grande força. A espiritualidade é um valor “em alta” nas nossas sociedades.

A procura, as práticas de meditação, o regresso ao “natural”, ao “sustentável”, a sinceridade, a honestidade, a solidariedade, a amizade, são valores actuais. Por si mesmos não conduzem à fé mas preparam o terreno para ela. Deveríamos aproveitar esta oportunidade para mostrar a riqueza da fé, para proclamar mais e melhor a Boa Nova.

Quanto ao matrimónio, a fidelidade muitas vezes é desejada mas considerada inalcançável. É um valor manchado pelo consumismo, também em relação às pessoas.

Contudo os ideais continuam presentes no nosso mundo, o desejo de ser amado penetra em todas as camadas do nosso ser. Uma sexualidade humana e humanizadora, vivida e expressa numa comunidade de amor e vida, continua sendo um atractivo para os adultos e também para os jovens.

Estamos perante o desafio de mostrar que o matrimónio, com a graça sacramental e a liberdade humana, é uma vocação de plenitude e de felicidade.

Temos de cultivar o dom da fé, fazer uma boa catequese dos sacramentos, mas sobretudo mostrar que o cristão só pode viver no amor e do amor.

E o amor ressoa amplamente no coração humano, dilata-o e fortalece-o. O amor transforma em vida tudo quanto alcança.

Reconhecemos alguns valores e contravalores do nosso mundo, que se nos apresentam como desafios no nosso serviço no CPM mas, como diz o Papa Francisco, « Os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária! » (*Evangeli Gaudium* 109).

Margarita Bofarull Buñuel r.s.c.j.